

VILÉM FLUSSER

Na tentativa de definir o conceito "Ocidente" que empreendi na última sexta-feira recorri a diversos termos, todos eles bem conhecidos seus, mas que utilizei com significados que talvez necessitam de esclarecimento. Peço que me desculpem se a primeira aula lhes pareceu um pouco hermética e talvez, por isso mesmo cansativa. Tratava-se de uma exposição preparatória que continha, qual abertura de uma ópera wagneriana, os leitmotivos do curso em forma condensada e esboçada. Os termos que utilizei de maneira tao leviana serao profundamente fundados e pre-enchidos de significado e vida com o desenvolvimento do nosso argumento e com a sua ajuda, de maneira que o que é agora obscuro e hermético deverá tornar-se progressivamente mais claro e acessível. Não percam portanto a paciência comigo e com os meus erros didáticos e de planejamento, mas persistam comigo na tentativa de penetração de uma selva que é cortada apenas por picadas bem recentes e que conduzem apenas para clareiras periféricas da mata virgem colossal que é o tema desta curso.

Os termos que empreguei e a cujo esclarecimento exploratório quero dedicar a presente aula são principalmente os seguintes: "projeto", "realização", "mito" e "rito". Defini a civilização ocidental como projeto existencial que se realiza progressivamente, e disse que esse projeto é articulado em forma de mitos e se realiza pela ritualização desses mitos. A tentativa de esclarecer esses termos equivale portanto à tentativa de definir a civilização ocidental existencialmente. Com efeito, a definição da nossa civilização que lhes estou propondo será frutífera somente à medida em que permitirá uma atitude crítica ante as manifestações da nossa civilização como realizações rituais de um projeto articulado em mitos, e essa atitude crítica é portanto a meta deste curso. É uma atitude que difere radicalmente das críticas tradicionais às quais a nossa civilização vem sendo submetida, e entre as quais quero salientar as críticas espiritualistas do tipo Dilthey e materialistas do tipo do marxismo. Difere dessas críticas, porque procura situar-se além da civilização que critica, porque procura encara-la aproximadamente como os etnólogos encaram a cultura Hopi. O presente curso mostrará, sem dúvida, que essa tentativa de superação é impossível, mas mostrará, assim o espero, que é uma tentativa frutífera, embora impossível.

Para esclarecer o que tenho em mente, e para evitar que a nossa discussão se torne acadêmica, permitam que lhes dê um exemplo: um dos mitos fundamentais da nossa civilização é o da criação do homem. Diz esse mito que Jeová moldou o homem de barro como cópia de Si mesmo, que que inspirou Seu hálito (ruach) nessa moldura. O que pretendo dizer é que uma atitude crítica ante esse mito certamente nao conseguirá com que o superemos. Continuaremos, a despeito da crítica, a existir como realizações de um projeto que esse mito lança. Por exemplo: continuaremos tendo um corpo que é uma espécie de instrumento, e continuaremos tendo uma alma que é uma espécie de hálito, de vento. Continuaremos na problemática que essa dicotomia corpo: alma cria, e continuaremos a nos debater com o problema que se encerra na frase "tenho corpo e alma" em contraste com a frase "sou corpo e alma". Mas a atitude crítica iluminará essa problemática e proporcionará novas perspectivas da situação na qual estamos. Por exemplo: o nosso corpo formado do barro da Mesopotâmia se revelará como uma espécie de tijolo, portanto como um instrumento daquele tipo que formou um elemento da construção das torres babilônicas e das bibliotecas cuneiformes. Começaremos a encarar as nossas sociedades como torres formadas de corpos em busca da conquista dos céus, e começaremos a encarar o nosso corpo como tijolo pronto a receber significado pela impressão cuneiforme do intelecto. Não sairemos do projeto articulado no mito de Adão, mas retomaremos novo contacto com ele, e abriremos assim novas possibilidades de realiza-lo.

O que entenderei, portanto, com o termo "Projeto"? O conjunto das potencialidades da minha existência, o conjunto daquilo que posso ser e que posso fazer na minha vida e com a minha vida. Se digo que a civilização ocidental é um projeto, pretendo dizer que ela é o conjunto das minhas potencialidades. Por exemplo: a civilização ocidental me proporciona um corpo como instrumento a ser utilizado dentro de certos limites impostos por esse projeto. Esse meu corpo é um aspecto típico da civilização da qual faço parte, e a maneira como o utilizo, por exemplo na ginástica, nos esportes, como ponto de partida de instru-

totalmente

VILÉM FLUSSER

mentos científicos, ou como fundo de ressonância de vivências musicais, essa maneira é pré-figurada no projeto que é a civilização ocidental da qual faço parte. A existência sem corpo, ou a existência com um tipo de corpo que não seja instrumental, ou uma utilização diferente desse corpo não está contida no nosso projeto, e é portanto impensável. Como vêm os senhores, é a civilização ocidental assim concebida um campo fechado e intransponível, embora saibamos de outros campos, outros projetos existenciais nos quais deixam de funcionar os nossos conceitos e os nossos valores. Por exemplo: o nosso conceito do corpo e os valores que se prendem a esse conceito deixam de funcionar no projeto existencial da Índia, embora nunca possamos dizer autenticamente quais os conceitos e quais os valores que lá funcionam, já que os próprios conceitos "conceito" e "valor" são típicos do Ocidente. Essa situação se complica pelo fato de contactos entre projetos. Sabemos não somente que a Índia existe, mas sabemos inclusive que teve influência sobre e nós e nós sobre ela. Destes problemas tratarei no curso destas aulas.

Entenderei por "realização" o progressivo esgotamento das potencialidades contidas no projeto. Por exemplo: uma das potencialidades que o meu projeto me abre ao proporcionar-me um corpo é a extensão desse corpo, e essa potencialidade está sendo realizada pela tecnologia. Pelo rádio e pela televisão estendo a minha vista e meu ouvido, pelo avião e pelo automóvel as minhas pernas, pelo tear e pelo torno meus braços, pelo computador eletrônico meu cérebro, pela propaganda comercial meu estômago, e assim em diante. A medida que essa realização progride, esgota as potencialidades contidas no projeto, e perde portanto em urgência e interesse. A primeira extensão do corpo, por exemplo a realização da flexa, era certamente carregada de impacto existencial violento. As realizações atuais e tardias, por exemplo o foguete lunar, carece desse impacto e é marcada pelo tédio da repetição fútil. Essa qualidade existencial do tédio que acompanha a realização tardia caracteriza a nossa época e explica a premonição de "fin de siècle" da qual falei na última aula. Também sobre este aspecto falarei repetidas vezes no curso desta investigação, para tentar combatê-lo. É que essas realizações esvaziam o conteúdo sacro por exemplo do corpo, e tornam profanas as preocupações com ele. A flexa ainda vibrava com a vivência do sacro, enquanto que o foguete está demasiadamente afastado da origem do projeto para ainda poder participar do seu poder desvelador do sacro. Que a flexa e o foguete são realizações tipicamente ocidentais e não devem ser confundidas com fenômenos aparentemente paralelos em outros projetos, prova-o a contemplação de uma fita samurai japonesa. A espada do samurai, embora possa parecer para nós equivalente da espada do cavaleiro, tem, na civilização oriental, uma função totalmente diferente. A mais leve preocupação com a especulação Zen mostra que lá a espada não é uma extensão do braço, embora não possamos dizer autenticamente o que a espada do Samurai significa.

Entenderei pelo termo "mito" a articulação densa e poética pela qual um aspecto do projeto se projeta. Os que acompanharam as minhas conferências do ano passado sabem o que tenho em mente. Para os que delas não participaram digo apenas, neste estágio do argumento, que no mito o fundamento inarticulado do projeto, aquele humus que os existencialistas chamam de "clara noite do nada", se precipita num salto original para constituir o campo da realidade. Por exemplo: no mito de Adão está sendo articulada, de maneira densa e poética, uma potencialidade chamada "corpo" a ser realizada progressivamente pela civilização em marcha. Essa potencialidade "corpo", que constitui o projeto dessas realizações, surge no mito envolta num clima existencial específico que chamamos de "sacralidade". Esse clima é o clima do espanto. O corpo, tal como surge no mito de Adão, é sacro porque nos causa espanto, e nos causa espanto porque é novo, recém surgido do nada. Pelo corpo, tal como surge no mito, e pelo espanto que o cerca, demonstra o ente o que é, a saber ente e não nada. O mito revela o ser como tal, constituindo o ente. É graças ao mito que estamos em contacto com o ser como tal, embora o mito nos lance para dentro do campo dos entes, e nos afaste do ser como tal nesse lançamento. A civilização ocidental, como realização progressiva de projetos contidos em mitos, é esse afastamento contínuo do ser como tal, e a volta aos mitos é uma tentativa de retomada de contacto. Por exemplo: a progressiva realização do projeto do corpo contido no mito de Adão é um afastamento progressivo do ser que constitui o cor

po, **VILÉM FLUSSER**

e o corpo não nos espanta mais, tornou-se profano. A anatomia e a fisiologia, a técnica e as demais disciplinas realizadoras do corpo, esvaziaram o seu conteúdo sacro. Mas podemos sempre retomar contacto com a origem mítica do corpo, podemos sempre encará-lo como algo novo. Nesses momentos de retorno, caracterizados na arte pela palavra "surrealismo", podemos por assim dizer surpreender o corpo no momento do seu surgir do mais que real, e nesses momentos ele nos espanta novamente. Nesses momentos retomamos contacto com o mito de Adão, e descobrimos Adão no nosso corpo. E esses momentos tornam ócos e fúteis todos os esforços das disciplinas realizadoras que mencionei há pouco. A capacidade para esse tipo de pensamento mítico diminui entretanto com o avanço das realizações, e o nosso espanto torna-se experiência sempre mais rara. Este é um outro aspecto da nossa sensação de tédio anunciador do fim do mundo. O presente curso de aulas é uma tentativa de volta aos mitos num sentido diferente. Não apela à capacidade mítica do pensamento, mas, pelo contrário, a uma capacidade muito tardia, à reflexão racional e disciplinada. É ele uma tentativa, não de sorver o espanto que está na origem do nosso projeto, mas de compreender a distância irônica essas origens. A base do presente curso não é propriamente o mito, mas a mitologia, e a sua meta não é ótica, mas ontológica, para recorrermos a uma distinção heideggeriana. O que aparecerá nas nossas considerações, se estas forem coroadas de êxito, não será portanto o ser que constitui os entes, mas uma teoria desse ser constituinte. Estamos dedicados, neste curso, a uma atividade epigônica, à filosofia. Não obstante, o curioso é que essa disciplina tardia que é a filosofia pode proporcionar, pelo caminho longo através o cosmos, um espanto autêntico, já que a própria filosofia pode constituir-se em mito. Ressuscitar a sacralidade da filosofia é uma das nossas metas portanto.

Entenderei pelo termo "rito" o método da realização dos projetos contidos nos mitos. A civilização ocidental é uma representação teatral, dentro da qual representamos uma série de papéis que nos foram reservados pelo projeto. Esse representar de papéis chamo de atos rituais, a representação toda chamo de atividade ritual, e a ordem que prevalece nessa representação chamo de rito. Por exemplo: a civilização ocidental reserva para mim um papel masculino que sou chamado a desempenhar ritualmente. Uso calças e gravata, não cosinho e não faço crochê, estou dedicado a um rito. Tão dedicado estou ao rito, que não lhe sinto nem a imposição nem a ritualidade. Identifico-me completamente com o papel que desempenho, e nessa identificação me distingo do ator de teatro. Se, num relâmpago de auto-consciência, numa visão imediata da minha situação existencial, descubro a ritualidade da minha atividade e das realizações dela decorrentes, o projeto ao meu redor e dentro de mim começa a ruir e torno-me alienado. Essa clairvoyance existencial não representava problema grave nas gerações passadas. Os que se tornaram vítimas dessa visão foram eliminados em mosteiros ou hospícios e a representação teatral continuava. Atualmente entretanto a alienação é um fenômeno social e ameaça a continuidade da peça. A recomendação camusiana de viver o mais possível, em vez de o melhor possível, é um sintoma dessa alienação auto-consciente. Recomenda, com efeito, de desempenhar um máximo de papéis na peça teatral que é a civilização ocidental, e nessa recomendação descolre-lhe a ritualidade. A conciençialização do rito é a perda do mito, e com isto a perda do senso de realidade. Se soubermos existencialmente que toda nossa atividade é ritual, seja ela artística ou ética, científica ou política, então toda atividade perderá significado, e a realidade da nossa civilização deixará de ser. E a nossa civilização está se aproximando, rapidamente, desse estado de coisas.

Dada esta definição de termos, passo a tentar definir o termo "civilização ocidental" existencialmente. Direi que essa civilização é um projeto que se projeta a partir de um dado número de mitos judeus, gregos, latinos, germânicos e eslavos, mitos esses parcialmente irreconciliáveis, e que realiza esses mitos rapidamente e em muitas camadas, mas principalmente nas camadas do rito científico tecnológico e social, de modo que nessas camadas a civilização esteja quase realizada. E direi mais que os mitos dos quais a nossa civilização se projeta, embora irreconciliáveis, são combináveis, e que constituem um núcleo central, que chamarei de "mito do eu".

VILÉM FLUSSER

A multiplicidade de mitos e a irreconciliabilidade deles faz com que o projeto ocidental seja um projeto relativamente aberto, mas faz também com que seja um projeto altamente vulnerável. Essa abertura e vulnerabilidade da nossa civilização é tão marcante, que durante centenas de anos escondeu aos olhos dos investigadores o caráter fundamentalmente mítico do seu projeto e o caráter fundamentalmente ritual das realizações nas quais resulta. Era tesse desses investigadores que as culturas chamadas primitivas, estas sim, eram misticamente motivadas e ritualmente realizadas, mas civilizações complexas, e mais especialmente a nossa, tinham motivações não míticas e realizavam-se não ritualmente. As recentes descobertas da psicologia de profundidade, entretanto, redescobriram os mitos no subconsciente dos ocidentais como forças motrizes do comportamento, e a psicanálise descobriu o ato ritual como sendo um ato neurotico, (Zwangshandlung) e a civilização como um tipo de neurose. A arqueologia e a crítica de textos revela a corrente contínua que liga os mitos com as religiões, as religiões com as filosofias, e as filosofias com as demais atividades culturais, e revela que todas essas atividades se renovam sempre na volta para os mitos. As pesquisas artísticas revelam o fundamento mítico das nossas vivências estéticas e se utilizam dessa descoberta na sua produção de obras de arte. A análise existencial revela a base mítica do nosso pensamento, do nosso comportamento e da nossa valorização, e reconhece nos mitos aquilo que nos estabelece como existências e aquilo que estabelece a circunstância dentro da qual estamos. Assim, de todos os lados, o verdadeiro caráter do nosso projeto transparece. Ou existimos graças aos mitos e realizamo-nos misticamente, ou caímos para fora dos mitos e tornamo-nos alienados. O contrário da existência mítica não é alguma existência pretensamente racional ou empírica. O contrário da existência mítica é a loucura.

Repito que a multiplicidade dos mitos que informam o nosso projeto torna-o relativamente aberto e torna as atividades rituais dentro dele relativamente flexíveis. São múltiplos os papéis que a peça teatral da nossa civilização nos reserva, e nessa multiplicidade reside a nossa sensação de liberdade. Em culturas primitivas, e também nas duas civilizações que nos são alheias a escolha entre os papéis disponíveis é muito mais pobre. Mas, na medida em que se realiza a nossa civilização, essa multiplicidade de escolha diminui, seja pela supressão de papéis, seja pela semelhança entre os papéis disponíveis. A outra variedade de cores que caracterizava a nossa civilização, vem sendo gradativamente substituída por uma uniformidade cinzenta. As mesmas roupas, as mesmas comidas, as mesmas diversões e as mesmas preocupações prevalecem entre diversos povos, diversas classes e diversas religiões, de modo que, também deste ponto de vista, a nossa civilização se tornou pobre graças à realização avançada e aproxima-se rapidamente daquilo que Toynbee chamou de "universal state", isto é da morte.

Definirei portanto a civilização ocidental existencialmente como a civilização que brota de uma diversidade de mitos, cujo núcleo é o mito do eu, uma civilização outrora aberta, mas agora em vias de empobrecimento graças à rápida realização, uma civilização portanto que se aproxima da uniformidade. E direi que uma existência ocidental é aquela que participa do rito dessa civilização ou dela se aliena sem participar de outro rito.

Dada esta definição, e dadas as definições geográficas e históricas que lhes submeti na última aula, passo agora um olhar rápido e abarcador sobre a cena que desdobrei diante os senhores. A nossa civilização é resultado de uma confluência de duas proto-civilizações paralelas, mas incongruentes, a saber da levantina e da balcânica, que chamei, para simplificar, de judia e grega. No curso dos três mil anos de sua história espalhou-se pelo globo e está hoje localizada em todas as existências que participam do seu rito. Durante mais que dois séculos dominou essa civilização o universo, mas hoje bate em retirada e está sendo derrotada, por razões externas, em vastas regiões do globo, e por razões internas, em vastas regiões do íntimo das existências que dela participam. No curso da sua história milenar acumulou um vasto tesouro de realizações materiais e espirituais, tesouro este que se acha ameaçado externamente pela reação política e social que provocou, e internamente pela reação intelectual, moral e estética que a sua acumulação teve por efeito. O presente curso tem portanto duas finalidades: a primeira é fazer um balanço rápido

do **VILÉM FLUSSER**

tesouro espiritual acumulado no nosso íntimo, e a segunda é tentar fortalecer as tendências dentro do nosso espírito que procuram salvar esse tesouro. Não adianta eu tentar fazer de conta que assume, face ao Ocidente, uma atitude despreendida. Sou empenhado na nossa civilização, embora nutre graves dúvidas quanto aos valores que a fundamentam, e, francamente, considero traiçoeiras as tendências que se preparam a destruí-la de dentro. É um preconceito que nutro, um preconceito que não encontra justificativa satisfatória na apreciação da cena do Ocidente, mas um preconceito que se justifica pela sensação da riqueza e beleza da herança ocidental que constitui todo o manancial das minhas vivências e dos meus pensamentos. É inteiramente possível que o ocaso do Ocidente deve parecer mais que maduro do ponto de vista de um achanti ou um malaio, e mesmo de um ponto de vista de um cearense faminto ou um operário das fábricas de automóveis de Detroit entediado. Mas quanto a mim, e suponho também quanto aos senhores, nada parece justificar o abandono de uma tradição que resultou, entre outras coisas, na música, na matemática, no humanismo e, porque não dizê-lo, na filosofia do tipo que agora estamos fazendo. E a partir deste egoísmo, a partir deste oportunismo esclarecido, que iniciarei, na próxima aula, a análise dos fundamentos do nosso pensamento, começando por uma exposição da nossa herança judia.